

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: PERCEPÇÕES VIVÊNCIADAS NA ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO JOSÉ BONIFÁCIO - SUMÉ-PB

Tiago José Vasconcelos de Farias¹

Fabiano Custódio de Oliveira²

RESUMO

A presente pesquisa buscou identificar de que forma os alunos da escola do campo compreendem como a Educação Ambiental está inserida no contexto escolar, esta transcende amplamente substratos limitados às ciências naturais, ofício explorado pela Educação Ambiental- EA contemporânea. Neste sentido, serviram de base os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal do Campo José Bonifácio, localizada na Comunidade Pio X - Sumé/PB. Considerou-se nessa pesquisa, o enfoque e contextualização socioambiental proposta por variados teóricos que reconhecem a necessidade de introduzir na ambiência escolar práticas pedagógicas que tratem a vertente ambiental a partir de um viés sistemático onde o natural e social apercebam-se como approaches intrínsecos, para que assim sejam desconsideradas as abordagens de cunho meramente naturalista, praxe muito viva ainda nestes espaços de formação-transformação humana. Para a obtenção dos dados utilizou-se a aplicação de questionário e observações diagnósticas. No tocante aos resultados alcançados, identificou-se que o público pesquisado não percebe a EA em sua totalidade, mas tende a associá-la meramente aos fatores naturais, prática adversa de sociedade dita consumista e de EA contemporânea aos rumores da internacionalização do capital. Em síntese, o que se pretendeu com esse trabalho foi estimular e/ou instigar o respectivo coletivo escolar a adotar uma nova percepção e/ou postura frente às questões ambientais, destarte, mostrar a necessidade de introduzir-se nos espaços educacionais um novo modelo pedagógico capaz de promover transformações ecossociais para que se possa alcançar uma sociedade justa e equídea.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Escola do Campo. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

O homem ao passar dos tempos desde o seu surgimento como parte integrante da natureza, passa a se sentir como um dos seres atuantes dessa, tomando iniciativas individuais, e, muitas vezes, não percebendo que a natureza vive em constante harmonia com todos os seus integrantes em um equilíbrio harmônico. A partir do momento em que parte desse sistema passa a funcionar de maneira individual retirando mais do que o necessário a sua sobrevivência, evidentemente causará um desequilíbrio. Atualmente a individualização chegou ao seu extremo, e o homem passar a perceber que atitudes precisam ser tomadas e o ser humano precisa ser reeducado sobre as relações existentes entre homem e natureza (GUIMARÃES, 2011).

¹ Aluno da Licenciatura em Educação do Campo – UFCG/CSDA - tiagojs97@gmail.com

² Professor Doutor do Curso da Licenciatura em Educação do Campo – CDSA/UFCG - Área das Ciências Humanas e Sociais. Coordenador do LEGECAMPO/CDSA/UFCG – fabiano.geografia@gmail.com

Contudo, para que o homem chegasse ao seu extremo e passasse a enxergar-se novamente como parte da natureza e não mais como o centro, onde todos os outros integrantes estão à margem, e que existe uma relação de interdependência entre todos os elementos existentes na natureza, precisou que esse desequilíbrio lhe atingisse diretamente e gravemente para que atitudes fossem tomadas em relação a uma educação ambiental capaz de inseri-lo no debate.

De acordo com Guimarães (2011), a educação ambiental nasce com o objetivo de gerar uma consciência ecológica em cada ser humano, preocupada com o ensinar a oportunidade de um conhecimento que permitisse mudar o comportamento volvido à proteção da natureza. Este novo enfoque busca, através de uma consciência crítica, o surgimento de um novo modelo de sociedade, onde a preservação dos recursos naturais possa ser compatível com o bem-estar socioeconômico da população.

Desta forma, a presente pesquisa buscou identificar de que forma os alunos da escola do campo compreendem como a Educação Ambiental está inserida no contexto escolar como sendo substrato direto das ciências naturais, ofício adverso à Educação Ambiental- EA contemporânea. Neste sentido, serviram de base para pesquisa os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal José Bonifácio, localizada na Comunidade Pio X- Sumé/PB.

A busca de entender/desmistificar as razões que levam este público a ser detentor de uma visão reducionista, efêmera, mecânica e tecnicista quando se trata das questões ambientais, surge da nossa prática enquanto pesquisador do Laboratório de Práticas Pedagógicas em Educação do Campo - Ciências Humanas e Sociais que almeja e reconhece a necessidade de introduzir-se um novo comportamento social frente aos recursos naturais.

Sendo assim, a presente pesquisa tem por finalidade analisar e/ou refletir sobre os interstícios pedagógicos acerca da EA. Como este é um tema bastante abrangente, nos detemos a uma turma do 6º Ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal do Campo José Bonifácio, localizada no distrito do Pio X, município de Sumé - PB.

METODOLOGIA

Com relação à metodologia utilizada nessa pesquisa assegura-se que a mesma teve como pressupostos essenciais os seguintes parâmetros: revisão bibliográfica, visita “in loco”, sistematização e organização das informações obtidas através da aplicação de questionários, ferramentas de grande importância na produção do conhecimento científico.

Os dados foram coletados por meio de da aplicação de questionários, como também, por intermédio de observação in loco. Neste sentido, Gil (2016, p. 121) expressa que o questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa.

Com relação aos dados, infere-se que estes foram analisados de forma quali quantitativa e expostos através de (gráficos), ponderados com estatística descritiva, utilizando o programa Microsoft Office Excel 2003.

DESENVOLVIMENTO: PROBLEMATIZANDO E COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL O CONTEXTO ESCOLAR

Discussões acerca da problemática ambiental remontam as décadas de 1960/70, quando ambientalistas por meio de movimentos ecologistas demonstraram a necessidade de mudar o espontaneísmo determinado pela apropriação privada da natureza associada ao desenvolvimento tecnológico. Esse desenvolvimento vem distanciando a relação existente entre homem-natureza e causando transformações consideradas intensivas e extensivas geradoras de uma acumulação gradativa de problemas ambientais.

Diante de tal contexto a Educação Ambiental (EA) passa a exercer um papel extremamente relevante, encarregando-se de transparecer para o convívio social que apegar-se a um sistema imediatista em que a filosofia do ter prevalece sobre a do ser torna-se o fator gerador de uma acumulação gradativa de impactos ambientais. Esse nosso pensamento comprova-se nas palavras de Deperon (2004, p. 42) quando enfatiza que: “a EA deve evidenciar mudança de atitudes, valores e ações na forma de se relacionar com a vida e com a natureza. Pensar o ambiente significa introduzir novas formas de percepção”. Ainda de acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente, a EA deve ser compreendida como “um processo de formação e informação, orientado para o desenvolvimento da consciência crítica sobre questões que levem à participação das comunidades para a preservação do equilíbrio ambiental” (CONAMA 2001, p.27).

Neste sentido, torna-se indispensável despertar no sujeito a capacidade de ler e interpretar o ambiente, as relações e conflitos presentes, onde só será possível a partir do momento que a EA ultrapassar os paradigmas positivistas e dotar-se de uma postura transversal que tenha como eixo norteador a construção de uma prática pedagógica baseada na realidade de cada aprendiz.

Seguindo essa perspectiva, observa-se que o entendimento de ambiente dar-se quando o ser humano detém a capacidade de ler e interpretar no seu espaço de vivência, mecanismos que envolvam não apenas os fatos naturais, mas também estratos voltados para o campo sociocultural. Macedo (2000, p.3) ratifica:

Perspectiva ambiental são as diferentes maneiras sensitivas que os seres humanos captam, percebem e se sensibilizam pelas realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos, processos ou comportamentos ambientais observados “in loco”. Realça-se a importância da percepção ambiental, principalmente por ser a mesma, considerada a precursora do processo que desperta a sensibilização do indivíduo em relação às realidades ambientais observadas.

Desta forma, para se estudar/entender o sentido de percepção ambiental, o sujeito deve ser detentor de um alto poder de reflexão e/ou interpretação, por se tratar de um processo interpessoal que envolve vivências, experiências, expectativas, manifestações, emoções, dentre outras particularidades evidenciadas continuamente nas conjunções que se instauram entre homem e meio natural.

Diante deste contexto, para promovermos mudanças de valores, hábitos e posturas através do meio ambiente, torna-se fundamental investir-se numa (trans)formação/desenvolvimento de cidadãos (ãs) críticos (as) e ativos (as) capazes de superar os problemas sociais contemporâneos, a partir de fomentos instrucionais de caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, ambos direcionados para a necessidade de preservar e conservar os recursos naturais existentes na Terra. Neste sentido, Boff (2003, p.68), expressa que:

Sem uma educação sustentável, o Planeta Terra continuará apenas sendo considerado como espaço de nosso sustento e de domínio tecnológico, objeto de nossas pesquisas, anseios e, algumas vezes de nossa contemplação. Mas não será o espaço de vida, o espaço do cuidado.

Logo, se apercebe a necessidade de adquirir-se uma nova ética socioambiental impulsionadora do desenvolvimento sustentável. Para tanto, faz-se necessário que ocorram modificações de percepção ambiental dentro da prática pedagógica dos múltiplos coletivos educacionais existentes no país, inclusive na visão de ambiente da comunidade em foco conforme se evidenciou ao longo dessa discussão.

Ainda convém aduzir-se que a perspectiva ambiental hodierna, apresentada nesse trabalho e assumida por outras iniciativas, tem buscado continuamente impulsionar a promoção de subjetividades socioambientais, concomitantemente, desmistificar os discursos de base capitalista, estes se constituem como trâmites adversos ao progresso da filosofia ambiental.

Feita essas considerações, infere-se que a relação do meio ambiente com os sentidos e comportamentos humanos manifesta-se constantemente por meio de ações humanas nos objetos materializados no espaço, e é por intermédio dessa interface que se apercebe e tenciona-se a convivência socioambiental.

Assim, para Oliveira *apud* Rosa (2003), o grande desafio da educação ambiental atualmente é ensinar a pensar. Portanto, precisamos de uma escola que provoque a reflexão, envolva os educandos no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os protagonistas, de modo que possam revolverem-se cidadãos críticos capazes de interagir-transformar significativamente o meio em que vivem, e enfim, exercer sua cidadania.

É no bojo dessa interface, escola-sociedade que a educação ambiental contemporânea dimensiona-se e propagar-se, tendo em vista ser um processo transcendente do viés naturalista, constituinte da intersecção entre aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e históricos, premissas imprescindíveis na formação humanística dos sujeitos. Neste sentido, Oliveira (2011, p. 7) defende que:

É comum perceber o não entendimento de que o meio ambiente não é apenas fauna e flora, e que os seres humanos também fazem parte da natureza. Boa parte daquilo que se diz tratar de Educação Ambiental hoje em dia, na verdade, se identifica com atitudes desvinculadas do contexto no qual se insere ou com o qual interagem alicerçadas em conceitos vazios, palavras ocas ou ativismo irrefletido.

Essa compreensão reducionista em torno do termo “meio ambiente” tem sido frequentemente observada na rotina pedagógica das instituições de ensino, essas quando tratam de tal problemática, limita-se a um entendimento meramente ecológico-naturalista, fato comprovador da necessidade de viabilizar-se o desenvolvimento de estratégias didáticas capazes de chegar a esses espaços formativos e resignificar cognições dessa natureza.

Neste sentido, convém problematizar-se qual seria o foco pedagógico no que diz respeito à educação ambiental no contexto escolar, já que as premissas ambientais não resume-se a didatização de conteúdos, mas a formação individual e coletiva dos sujeitos a partir de um prisma holístico, como também, proporcionam a tessitura de relações sociais, fatores preponderantes para que se possa alcançar uma sociedade cunhada nos princípios do

conhecimento, da solidariedade, da equidade, da responsabilidade com esta e futuras gerações. Seguindo essa linha de raciocínio, Silva (2010, p. 18) acrescenta que:

(...) a Educação Ambiental é um processo de ensino aprendizagem, onde são desenvolvidas ressignificações qualitativas aos educandos, enquanto atores sociais, através de uma análise e compreensão do meio ambiente e das relações sociais, políticas, econômicas e culturais estabelecidas entre o sujeito e a natureza, como meio de ação política do conhecimento ambiental, com a finalidade da construção de um pensar crítico, instruído por princípios como: ética cooperação, participação ativa, responsabilidade social e pensamento sustentável (SILVA, 2010, p. 18).

Mediante a esta concepção, entende-se a precisão da educação ambiental ser abordada na ambiência escolar a partir de uma postura crítica-reflexiva, onde a compreensão holística do meio ambiente seja o fio condutor, para que dessa forma discussões de cunho meramente naturalista possam ser superadas, sucedidas por uma nova maneira de ver e entender as relações entre o humano e o natural, e é respaldado nessa nova ótica que se propõem novos valores sociais e morais no que concerne às questões ambientais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em decorrência desta pesquisa, pressupor-se refletir sobre o olhar ambiental a partir de praxes pedagógicas, pôde-se perceber que esta temática vem sendo trabalhada de maneira isolada e/ou fragmentada, colaborando para a prevalência de uma EA tecnicista, mecânica, efêmera, pouco aprimorada pela comunidade escolar. Segundo os comentários de (ADAMS, 2004 *apud* SOUZA 2007, p. 95).

Educação Ambiental deve ser vista como um processo educativo que amplia o foco do sistema educacional e relaciona as ações culturais com o ambiente, ou seja, é um amplo processo que se insere na vida e no contexto da rotina educativa.

Essa, certamente deve emanar da mudança de percepção, na medida em que o Meio Ambiente (MA) for compreendido em sua totalidade, levando-se em consideração seus aspectos natural e construído, tecnológicos e sociais. Como sabemos, um dos objetivos da EA no Ensino Formal é oferecer ao aluno (a) uma compreensão integrada entre o ser humano e o ambiental. Sendo assim, introduzir a EA no cotidiano escolar, tem como finalidade ofertar aos educadores e educandos uma série de estratégias que possibilitem “contribuir para a

formação de cidadãos sensíveis aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um na sociedade local e global” (BRASIL, *apud* SOUZA 2007, p. 83).

Quanto a essa restrição elucida-se a concisão de buscar realizar EA a partir da realidade/espacialidade na qual se encontra inserido o sujeito, o que não faz parte da rotina educativa da maioria das escolas brasileiras, estas quando problematizam tal contexto limita-se a uma filosofia áspera e inconcebível aos princípios almejados pela perspectiva ambiental.

Portanto, cabe à escola buscar construir uma nova racionalidade ambiental, definindo e redefinindo prioridades e estratégias, estabelecendo e restabelecendo práticas capazes de transformar os indivíduos e a sociedade, para que promovam melhoria no MA e na qualidade de vida.

Com base no gráfico abaixo, pôde-se observar que 70% dos educandos afirmaram ser trabalhada em sala de aula a temática Meio Ambiente, enquanto 30 % confirmaram não ser discutido tal problemática no ambiente escolar.

Gráfico1 - Percepção Ambiental no contexto escolar.

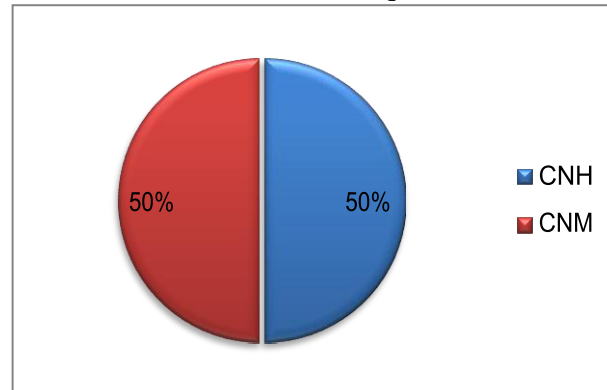


Fonte: Pesquisa de Campo

A partir das respostas apresentadas pelos discentes, observou-se um conflito de ideias, enquanto alguns afirmaram que o referido tema era trabalhado em sala de aula, outro percentual assegurou desconhecer o mesmo. Esta acepção pode ser confirmada nas palavras de Souza (2007) quando destaca que não há um trabalho conjunto a cerca da Educação Ambiental na maioria dos centros educacionais existentes no país.

De acordo com os entrevistados, 50% informaram que o temário MA é abordado apenas na área de conhecimento Ciências Humanas e Sociais e 50% asseguram que a discussões sobre esse assunto acontece na área de Ciências da Natureza e Matemática, ficando ausente nos debates na área de Linguagens e Códigos.

Gráfico 2 – Área do Conhecimento nas quais o temário MA é abordado



Fonte: Pesquisa de Campo

Observa-se nesta demonstração, que os educandos, restringem a dinâmica ambiental apenas às áreas que contém um viés naturalista. Sendo assim, este entendimento é confirmado por Carvalho (2006, p.80), quando coloca que: “no universo daquilo que chamamos de “ambiente” é muito frequente o fato do trabalho pedagógico recair sobre as interações com o ambiente natural”.

Em relação aos eventos voltados para a problemática MA na escola o gráfico 3, mostra que 60% dos alunos afirmaram nunca terem participado de atividades escolares voltadas para a questão ambiental, já 40% confirmaram ser desenvolvido na respectiva instituição de ensino eventos de natureza socioambiental.

Gráfico 3 - Desenvolvimento de atividades de cunho ambiental na Escola



Fonte: Pesquisa de Campo

A partir do elucidado, evidencia-se repetidamente a presença de confrontos nas ideologias apresentadas pelo grupo pesquisado, enquanto determinados discentes afirmam terem participado de atividades de natureza socioambiental na escola, outra proporção garante

não terem conhecimento dessas ações. Esta constatação nos lembra o pensamento de Reigota (1998, p.10), quando coloca que a educação ambiental no Brasil fundamenta-se a partir de um contexto de enormes contradições.

Sobre a conceituação do temário MA o gráfico 4 demonstra que 30% dos educandos percebem o temário MA como sendo o estudo da vegetação, 40% acredita está relacionado aos animais, 20% defendem ser um trabalho voltado para os recursos hídricos e 10% percebe como sendo a área responsável por tratar dos resíduos sólidos.

Gráfico 4 - Conceituação do Temário MA Ambiente.



Fonte: Pesquisa e Campo

A partir dessa elocução, verifica-se a necessidade de explorar a educação ambiental a partir da realidade dos educandos, considerando os conhecimentos prévios destes, embora tenha-se ciência da precisão de ampliar-se esses saberes. Igualmente, vislumbra-se que esta deve ser trabalhada/didatizada de maneira interdisciplinar, rompendo o paradigma da unilateralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se tem aqui a compreensão ou ilusão de um trabalho concluído, nem a pretensão de apontar-se modelos passíveis de serem executados, uma vez que o tema pesquisado constitui-se por meio de uma interface multifatorial, o que impossibilitou aduzir-se os caminhos a serem percorridos. É bastante evidente e trivial a precisão de introduzir-se ativamente no espaço escolar a EA, premissa inconcebível a rotina educativa da maioria das escolas brasileiras, estas quando ponderam e/ou discutem acerca de tal contexto utilizam-se de paradigmas conservacionistas, dicotômicos, mecanismo adverso à filosofia ambiental. Essa nossa proposição pôde ser comprovada e confirmada a partir da realização desta pesquisa.

Contanto, é preciso mostrar-se que a perspectiva ambiental contemporânea não pode ser mais ajuizada e nem tão pouco compreendida segundo preceitos que dissociam sociedade de natureza. Por este motivo essa problemática tem levado as várias áreas do conhecimento a rever e reorganizar suas concepções, o que resulta na busca e formulação de outras bases teóricas para a abordagem do meio ambiente. Neste sentido, o envolvimento da sociedade e da natureza nos estudos emanados de problemáticas ambientais, nos quais o natural e social são concebidos como fatores de um só processo, resulta na construção e/ou reprodução de uma nova mentalidade socioambiental.

Desse modo, para que a concepção ambiental saia do isolamento e apoie-se num ofício holístico/diverso, torna-se fundamental introduzir nos sujeitos a capacidade de entender as relações que se processam entre o global e o local. Estes, não são conceitos antitéticos, mas sim complementares, e a diversidade ou proporção espacial não pode jamais ser apercebida como processos antagônicos, mas sim como trâmites conexos.

Assim, a questão ambiental impõe a essa sociedade hodierna a buscar novas formas de pensar e agir, tanto individualmente quanto coletivamente. Destarte, procura traçar novas relações sociais que não perpetuem tantos confrontos entre o artífice humano/natural, esta ânsia garantir a sustentabilidade ecológica. E isso implica um novo universo de valores, no qual a educação exerce o papel principal, por ser na escola o lugar onde o indivíduo inova, renova, motiva, educa, e, acima de tudo transforma a própria ordenação cotidiana.

Portanto conclui-se, valendo-se da ideia de que não se pretende aqui finalizar as discussões em torno dessa problemática, uma vez que o tema pesquisado origina-se e dilata-se a partir de uma simbiose de recursos, o que impossibilita uma apresentação de resultados. Sendo assim, espera-se que de alguma forma este trabalho venha contribuir para a transformação da vivência socioeducativa aqui elucidada.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do homem, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológica**. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 2006.

CONAMA. MMA. MEC. Brasília (DF), 2001b.

DEPERON, M. L. da S. **Educação ambiental, ética e cidadania planetária**. In: HAMMES, V. S. **Educação Ambiental: Construção da Proposta Pedagógica**. 2ª edição, São Paulo: Editora Globo, 2004.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2016(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 11ª edição. São Paulo: editora Papyrus, 2011.

MACEDO, R.L.G. **Percepção e Conscientização Ambiental**. Lavras: Editora UFLA/FAEPE, 2000.

OLIVEIRA, A. F. de. **Educação Ambiental Escolar**. - Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI. Santa Catarina, 2011.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 3ª edição São Paulo: Editora Cortez, 1998.

ROSA, L.G. **A dimensão ambiental no currículo da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) UFPB/UEPB. João Pessoa, 2003.

SILVA, D. C. **A Educação Ambiental no contexto Escolar como prática participativa**- Universidade Candido Mendes- Instituto a Vez do Mestre Pós-Graduação “Lato Sensu”- Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, J. M. F. de. **Educação Ambiental no Ensino Fundamental: metodologias e dificuldades detectadas em escolas de município no interior da Paraíba**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias, Portugal, 2007.